



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**
3 - 8 Diciembre / Montevideo

**Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio**

**A SOCIOLOGIA HISTÓRICA DE FAUSTO CARDOSO: A HISTÓRIA COMO
NARRATIVAS DE LUTAS E REVOLTAS**

GT 13 – TEORIA SOCIAL E PENSAMENTO LATINOAMERICANO

IVAN FONTES BARBOSA
ifb@bol.com.br
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
BRASIL

Fausto Cardoso e a Sociologia no Brasil

A liberdade é hoje um patrimônio do forte e do fraco, do rico e do pobre, do sábio e do ignorante, mais esta propriedade que tanto exultam, foi amalgamada na história com o cimento dos séculos e o sangue dos homens. E quantos a quiserem possuir podem conquistá-la, desde que seja pelo mesmo caminho. É obra do crime (CARDOSO, 1898, p.27).

A contribuição de Fausto Cardoso (1864-1906) é um capítulo não construído nos estudos sobre a história e a recepção da sociologia no Brasil durante a passagem do século XIX. Proveniente da Faculdade de Direito do Recife (FDR) e comumente associado à Escola do Recife (ER), as suas trajetórias política e intelectual refletem o axioma da sociologia contemporânea que indica que os estilos teóricos de pensamento, ideologias e discursos devem ser compreendidos a luz dos interesses que orientam as circunstâncias de seus portadores.

Partindo do paradigma hegemônico que indicava que os fenômenos históricos e sociais deveriam ser compreendidos a partir dos princípios oferecidos pelas ciências naturais e que estes estariam sujeitos às mesmas leis da natureza, Fausto Cardoso, na busca da compreensão sociológica dos fenômenos sociais e históricos, traz para o campo das relações sociais a luta entre os *grupos humanos* como fator dinâmico e fundamental para a compreensão da *mecânica geral* da história e dos fenômenos morais.

O objetivo deste trabalho é apresentar alguns aspectos dos usos políticos e da recepção da sociologia no Brasil novecentista, em especial as leituras sociológicas da história e da sociedade de Fausto Cardoso, e a relação dessas interpretações com as tensões e reações orquestradas pelos grupos políticos marginalizados no contexto sergipano da passagem do século XIX para o XX.

Horizontes políticos da recepção da sociologia no Brasil

A relação entre pensamento e sociedade, ou, de outro modo, como podemos explicar o conjunto de leituras que os homens e mulheres fizeram no transcurso história acerca dos fenômenos sociais e naturais, sempre foi um dos eixos orientadores dos debates e pesquisas sociológicas desde o seu nascedouro. Em Karl Marx e Friedrich Engels [1846] (1996) o pensamento aparece como produto do metabolismo que o homem estabelece com a natureza e com os outros homens para satisfazer as suas gregárias necessidades. As ideologias seriam as distorções construídas deliberadamente para

legitimar as relações de desigualdade e dominação que uns grupos exercem sobre os outros.

Esta premissa eminentemente elucidativa da natureza não teórica que marca o surgimento das cosmovisões científicas, intelectuais e teóricas, permitiu que inúmeros trabalhos acerca do século XIX brasileiro contribuíssem para entender como a significativa parcela da sociologia recepcionada neste entorno, atuava como discurso à mercê da fundamentação das relações de controle, exploração e de violência que marcaram a atmosfera da experiência societária deste período. Como toda opção, o debate sobre a sociologia brasileira acatou tais instruções e não percebeu que havia fraturas no controle da produção intelectual naquele contexto e que por mais que a estrutura de controle dos potentados rurais fosse inquebrantável dentro de um contexto de uma ampla luta de classes, ela fornecia espaços para que certas resistências fossem operadas. Neste sentido elas deixaram de registrar as singulares e existencialmente condicionadas produções intelectuais destes autores na luta por afirmação, reconhecimento e espaço na nova ordem que surgiu.

A essa questão, a perspectiva desenvolvida por Karl Mannheim (1986) oferece-nos interessantes veredas. Ampliando o debate sobre a ideologia, ou seja, situando o próprio pensamento marxista dentro do seu contexto histórico e afastando-o da sua matriz unilateral, a proposta deste autor proporciona a compreensão sociológica do formato que determinados estilos de pensamento assumem dentro de certos contextos. Fruto da visão de mundo, e dos interesses implícitos nelas, os estilos de pensamento traduziriam os interesses dos grupos que os representam de forma racional e/ou sistemático.

Quando Michel Foucault (2005, p.23) indicou que – também amparado, como Mannheim, em Friedrich Nietzsche – se quiséssemos saber em que residia o conhecimento, não devêssemos nos voltar para a *forma de vida, de existência, de ascetismo, própria do filósofo*. Que ao buscá-lo, ou seja, saber o que ele é, como se origina e como é fabricado, devêssemos nos aproximar dos políticos, posto que são as relações de luta e de poder que estão por trás dos processos de sua emergência e dinâmica – era possível que indiretamente estivesse dialogando com Karl Mannheim e as críticas que ele havia indicado acerca do marxismo. Ao sugerir que a compreensão do conhecimento se desse em termos de uma história política do conhecimento, dos seus fatos e dos seus

sujeitos e que para entendê-lo devemos ficar atentos para as relações de luta e de poder, ele percorre uma senda lapidada por este autor e amplia a vitalidade de sua abordagem. Entendemos que a tessitura entre os *estilos de pensamento, relações de poder e seus itinerários biográficos* fornecem elementos privilegiados para a compreensão da emergência da percepção sociológica da história operada por este autor.

Fausto de Aguiar Cardoso nasceu em Divina Pastora, município de Sergipe. Em 1880, com dezesseis anos, ingressou na FDR e durante sua passagem por Recife (1880-1884) conheceu, os também sergipanos, Sílvio Romero e Tobias Barreto e participou da rede de intelectuais conhecida como ER. Se os seus conterrâneos e contemporâneos obtiveram destaque e permaneceram no imaginário dos intelectuais brasileiros, este manteve-se, e ainda hoje se mantém, num relativo anonimato. Conspirando contra esse reconhecimento temos a sua morte prematura e o caráter subversivo de suas postulações. Ela arregimentou as resistências que sempre operaram sobre tais posições e interesses radicais.

As lembranças e representações que pariam sobre este autor, embora trabalhadas em alguns momentos de forma mais sistemática pela imprensa sergipana, como atesta o trabalho de Oliva e Prado (2005), não possuem nem um vulto. O episódio de seu assassinato que marcou a vida política brasileira do início do século XX perdeu o sentido e não sustenta mais uma memória que percebe a luta como a dinâmica das transformações e invoca seus fatos e seus heróis, todos eles construídos simbolicamente, para sustentar a práxis que não se conforma com o orbe do estabelecido.

No bojo da negligência da memória e da referência do assassinato de Fausto Cardoso, que traduziu a culminância da luta entre os grupos pebas e cabaús (Barbosa, 1999), e tudo o mais que isso representou, foi deixado de lado também as suas contribuições para pensar o Brasil pelo viés da prepotente sociologia novecentista e, com isso, uma parte dessa própria história. Deixamos de notar, assim como originalmente fez Tobias Barreto (Barbosa, 2012) e ninguém escutou e ecoou, a recepção de autores, teorias e as suas relações as tensões e conflitos de interesses que moldavam a dinâmica da modernização brasileira.

Delineados estes contornos, a questão que tem orientado a investida neste autor pode ser traduzida na necessidade de entender como se dava o forte apelo à sociologia por parte da geração de 1870 da ER e, em específico o de Fausto Cardoso, nas

reflexões sobre a história e a sociedade brasileiras? Os resultados das pesquisas de Ângela Alonso (2000, 2002) sobre o movimento intelectual da “geração 1870” fornecem importantes coordenadas para a compreensão dos usos da sociologia naquele momento e endossa as postulações aqui presentes. Para ela essa recepção deve ser entendida do ponto de vista geracional e implica a necessidade de circunscrição da experiência compartilhada por seus membros. Devido a sua constatação de que inexistia um campo intelectual autônomo no século XIX, a coordenada adotada como ângulo de análise da experiência dessa geração e de sua relação com a sociologia é a dimensão política.

Conforme Ângela Alonso (2000, p.36) as teorias estrangeiras não eram adotadas aleatoriamente, elas passavam por um processo de triagem cujo critério era o *político*. Ao invés de organizar os textos e práticas destes autores conforme o uso de certas referências teóricas estrangeiras, ela os inscreve na conjuntura política local. O sentido principal do movimento intelectual da “geração 1870” teria sido a intervenção política. Sua tese é de que os grupos politicamente marginalizados pela ordem imperial recorreram ao repertório estrangeiro e à própria tradição nacional em busca de recursos para expressar seu descontentamento. Suas opções teóricas adquirem, assim, uma dimensão inusitada: auxiliaram na composição de uma crítica ao *status quo* imperial.

Fausto Cardoso e os dissabores da experiência republicana

O mote que orientou a interpretação de Fausto Cardoso e as tensões operadas no período posterior a instauração da República foi o fato dela não ter reordenado a correlação das forças políticas que comandavam a sociedade brasileira e nem minado seu peso. A república não significou um novo momento na luta entre as classes populares (negros libertos e a população trabalhadora) e as oligarquias agrárias que controlavam o poder político e nem a ascensão ao poder dos grupos portadores de perspectivas modernizantes. Ao contrário, ela recepcionou os conservadores e velhos monarquistas, alcunhados de adesistas. A experiência de Sergipe, e os inúmeros conflitos existentes no transcurso das primeiras décadas republicanas, ilustram muito bem esse cenário.

Os velhos políticos esquecem a monarquia e o Imperador e estão ansiosos por oferecer serviços ao regime estabelecido. Assim, no jornal o Estado de Sergipe, o mosenhor Olímpio Campos, em artigo editorial, apresenta apoio moral e intelectual a república ... Fausto sente o perigo dos apoios precipitados que poderiam desnaturar as instituições ou afastar os velhos soldados da causa vitoriosa (MACHADO, 1957, p.66).

O início de sua trajetória é datado de março de 1886, mês em que conclui o curso de bacharel em Direito pela FDR. Conforme Manuel Machado (1957), meses após retornar a Divina Pastora é nomeado para promotor público em Gararu. *Em janeiro de 1887, graças aos amigos políticos, é transferido para comarca de Riachuelo* e em seguida para Laranjeiras, *cidade progressista, com foros de intelectualidade e foco republicano*. A mudança na política provincial vem afastá-lo do cargo, recuperando-o somente em 1889 *com a ascensão dos liberais ao gabinete Ouro Preto* (MACHADO, 1957, p.53-54).

As origens das tensões se passam por esse âmbito. Os políticos da monarquia que aderiram a República tão logo ela fora instaurada começaram a ocupar os espaços políticos que, teoricamente, deveriam ser ocupados pelos republicanos que verteram esforços para a implantação da República. Fausto Cardoso foi um desses. Conforme o relato de Rollemberg:

Os políticos esquecidos da monarquia estão ansiosos para oferecer seus préstimos ao novo regime, como o monsenhor Olímpio Campos e Coelho e Campos. Fausto, sentido que esses apoios incontinentes resultariam na desnaturação republicanas, com a natural tendência para excluir os republicanos históricos, critica violentamente aqueles políticos, principalmente o último (ROLLEMBERG, 1988, p. 23).

O padre Olímpio Campos (1853-1906) é um fenômeno emblemático disso e está enlaçado diretamente nos eventos e na trajetória de marginalização desses jovens que culminam com a sua morte e a de Fausto Cardoso. Proveniente da aristocracia rural sergipana, filho de coronel, nasceu em Itabaianinha. Exerceu a jurisdição paroquial até 1899, ano em que se tornou governador do Estado. O seu prestígio remonta ao tempo do Império, quando militava nas fileiras do Partido Conservador. Foi eleito deputado provincial para as legislaturas de 1882-1883 e 1884 e deputado geral para as legislaturas de 1885 e 1886-1889. Com o advento da República elege-se deputado para a constituinte do Estado e passa a presidi-la quando ela é dissolvida. Em 1890 organiza o Partido Católico. Ibarê Dantas (1989, p.32) assiná-la que o prestígio deste ator deve-se a sua habilidade nas negociações do período de implantação das instituições Republicanas, tornando-se umas das principais figuras da primeira década republicana.

O cerne da exclusão de Fausto Cardoso da esfera do comando político republicano se dá logo nos primeiros momentos de sua instauração. Quando Felisbello Freire assume o governo provisório, ele indica Olímpio Campos como prefeito de Aracaju e não incorpora os nomes ativos no movimento republicano. Ressentido Fausto tece críticas ao governo provisório, fazendo menção aos negros que haviam sido acusados de

conspirar a favor dos monarquistas em Brejo Grande e foram *barbaramente presos*. Segundo Machado (1957, p.67) *Felisbelo, acusado, esquece a velha amizade e as tertúlias filosóficas e políticas do Clube Republicano de Laranjeiras, e reage com violência, demitindo, em fevereiro de 1890, o jovem promotor.*

Em maio deste mesmo ano, desiludido com as promessas modernizantes da República e com o controle dos adesistas sobre o Estado de Sergipe, Fausto Cardoso parte para o Rio de Janeiro, a capital federal, ao encontro da *colônia de sergipana* capitaneada por seu amigo Silvio Romero.

Atuou como delegado auxiliar, momento em que conquista proximidade com Floriano e é convidado para o cargo de secretário geral da prefeitura do Distrito Federal. Em seguida ocupa as cadeiras de História Universal na Escola Normal e no Pedagogium, história das artes, na Academia de Belas Artes, e de Filosofia do Direito na Faculdade Livre de Direito.

Deste modo, decepcionado com a política, volta-se para a atividade mental. Faz magistério, advocacia, jornalismo. A década de 90 fora assim de fecundo trabalho intelectual. Ensinando na Faculdade Livre de Direito a convite de Silvio Romero, publica, principalmente, para os alunos, a sua obra sob o título de *Cosmo do Direito e da Moral* (MACHADO, 1957, p. 69).

De acordo com Manuel Machado (1957, p.72) os movimentos políticos em Sergipe limitaram-se a simples conquista do poder. Visavam a mudança apenas os homens de governo e *não substituir ideias. Eram embates de facções e jamais conflitos de mentalidade, aspirações e de programas.*

Todos os insatisfeitos, idealistas ou homens de oportunidades trancados, sentiam o cansaço e o enfado da situação dominante. Para todos, Fausto era uma bandeira. Sua projeção, suas ideias e sua combatividade, destacando Sergipe na política nacional, ajudava a sublimar o complexo sergipano de Estado pequeno e insignificante. [...] no Estado, desde 1898 [...] a política se consolidou estratificando-se nas classes conservadoras. Dominavam os senhores de terras e homens do comércio, permanecendo a classe média sem oportunidades políticas (MACHADO, 1957, p.72-73).

Olímpio Campos havia endossado a candidatura de Fausto Cardoso para a câmara federal em 1900 a pedido de Campos Sales. O mandato deste foi marcado por uma intensa atividade caracterizada pela independência e inexistência de *tato político*. As críticas fortes oferecidas por Fausto ao então ministro da Fazenda, fez com que Olímpio Campos intervisse para que o deputado *cessasse os ataques*. O não acatamento das instruções de Olímpio fez com que tivesse origem a *frieza das relações entre os dois e*

que levou ao completo afastamento (José Cupertino Apud, MACHADO, 1957, p.74) e que Fausto não fosse eleito para a legislatura seguinte.

Em Aracaju, a classe média, colocada no segundo plano pela política dominante, os moços pobres filhos da terra sem oportunidade de ajustamento social, os intelectuais pouco valendo para os homens de governo, o proletariado que começara a aparecer como força cidadina, todos possuindo ideais e interesses os mais diversos e estranhos, uniam-se e somavam-se consciente ou inconscientemente contra a situação dominante (MACHADO, 1957, p.76)

O ambiente da primeira década republicana em Sergipe foi marcado pela polarização entre dois grupos. Os episódios tensos vinculados a luta pela legitimidade do comando do estado, protagonizados pelos grupos denominado pebas, representantes dos setores urbanos mais progressistas e os Cabaús, vinculados aos setores agrários e ligados aos produtores de açúcar, durante a década de 1890, foram marcados por inúmeras fraudes em relação aos pleitos eleitorais e o fator decisivo na resolução desses conflitos sempre eram o endosso ofertado pelos interesses governo central (BARBOSA, 1999).

O ápice das tensões entre as oligarquias Pebas e Cabaús ocorre com as mortes de Fausto Cardoso e Olímpio Campos. O primeiro ao ser assassinado em Aracaju ao tentar tomar a assembleia em 1906 e o segundo, assassinado pelos filhos de Fausto Cardoso meses depois no Rio de Janeiro.

A exclusão do cenário político local no início da década de 1890 e o controle exercido pelos Cabaús havia levado ele a fixar residência na capital federal. Destacado no cenário nacional como ativo e brioso parlamentar, o seu grupo em Sergipe não cansou de destacar seus talentos e investir nele e no imaginário do restrito eleitorado local as esperanças de que poderiam modificar a correlação de forças (trazer vantagens para o Estado e empregos para os correligionários) no cenário político local. A essa época, início dos novecentos, Fausto já arregimentava relativo reconhecimento no cenário da capital federal e era tido como amigo pessoal do presidente Rodrigues Alves.

A essa altura ele já era considerado o líder da oposição a oligarquia de Olympio Campos. Quando ele vem a Sergipe ele veio testar o seu prestígio arregimentado na capital federal. Consoante Terezinha Oliva, quando ele chega ao Estado já encontra uma animosidade preparada pelos seus correligionários, essa animosidade sugestionava uma revolta para derrubar a oligarquia articulada por Olympio Campos e capitaneada pelo desembargador Guilherme Campos, governador do estado e irmão do Monsenhor Olympio Campos.

Conforme Terezinha Oliva (2003)

Aquela foi uma revolta da Polícia de Sergipe, que tomou o palácio Olympio Campos, na madrugada de 10 de agosto de 1906, e estabeleceu o governo de um novo partido fundado pelos amigos de Fausto, chamado “Partido Progressista”. Esses progressistas, também tomam conta da Assembleia Legislativa, expulsam os deputados eleitos pelo Governo e também de vários municípios do interior, como: Própria, Laranjeiras, Itabaiana, Riachuelo, Maruim, Divina Pastora. E foi um governo que foi se estendendo e tudo isso em pouquíssimo tempo. O interessante é que a revolta foi curta, durou apenas de 10 de agosto a 28 de agosto. Isto porque no dia 28 foi quando Fausto Cardoso foi morto e aí veio a derrota da revolta. Mas neste período, de 18 dias, ela se espalhou, praticamente, por todo o Estado. Então, isso é que foi a Revolta de Fausto Cardoso, um movimento que pretendeu derrubar a oligarquia Olympio Campos baseando-se no prestígio popular e político de Fausto Cardoso, que era amigo do presidente da República, gozava de um grande prestígio no Rio de Janeiro e em outros locais do país. Foi isso o que deu confiança aos seus partidários. Pois bem, quando se dá a revolta, como reage o governo? Havia no Rio de Janeiro o monsenhor Olympio Campos que era senador. Então ele, apesar de estar aqui, na época da revolta, tinha contato no Rio. E claro que ele procura manter esses contatos a favor do seu grupo, que na época estava no poder. E o que é que ele faz? Ele consegue, na Câmara e no Senado, uma posição favorável a ele, apesar de Fausto ser deputado federal. Olympio consegue forças políticas no Rio de Janeiro que fazem com que o governo federal, mesmo sendo exercido por um amigo de Fausto, que era o presidente Rodrigues Alves, fosse obrigado a mandar forças do Exército para Sergipe para recolocar no governo Guilherme Campos. E é isso que acontece. Sergipe vai ser invadida por forças do exército, que vêm da Bahia e Pernambuco, e que vão recolocar o governo olympista. E é exatamente nessa operação que Fausto, que era uma pessoa de temperamento muito arrebatado, resolve ir sozinho – até convida outras pessoas – mas vai desarmado, enfrentar tropas do Exército. E quando vai, ao Palácio do Governo, enfrentar, ele acreditava que pelo discurso inflamado ele conseguiria mudar a posição das tropas, ele recebe o tiro que o matou. Então ele é morto pelo Exército e imediatamente todo o movimento se desorganiza. Porque a notícia de que Fausto morreu leva todas as tropas a desistirem. Houve uma debandada geral, um medo muito grande de perseguição, a notícia de que o Exército estava em Sergipe e dominava Aracaju levou a uma desarticulação absoluta da revolta e os olympistas retomaram facilmente todos os postos que tinham sido tomados aos progressistas.

Essas questões envolvendo a postura de Fausto revela o descontentamento deste em relação ao processo de reordenamento das forças políticas e econômicas no processo de consolidação da República. Acreditamos que o conjunto de tensões que ele manteve ao longo da primeira década republicana no sentido de busca de espaços políticos numa configuração dominada pelos monarquistas conservadores, ilumina sobre a recepção da sociologia neste autor e sua estratégica composição de uma interpretação sociológica das sociedades e da história. Não era a mudança da ordem social que se almeja. Era a conquista dos espaços políticos.

História e Sociedade em Fausto Cardoso

O trabalho utilizado como referência para pensar a sua leitura sociológica de história é o *Taxonomia social* (1898). O uso da sociologia para compreender a história e

projetar os seus sentidos representa o uso dos discursos do mundo moderno contra os pilares da legitimidade das instituições do mundo escravocrata. Refletir sobre a história de forma científica era a forma de encontrar o caminho legítimo para a ação e realização dos sentidos oferecidos por essa forma de compreender. A ênfase na luta implica o reconhecimento do embate como ponto de partida para as mudanças. A ciência é quem vai oferecer a naturalização desse procedimento e vai justificar a necessidade de derrocada da velha ordem.

Para Fausto Cardoso não havia uma ciência da história consolidada sob base empírica e a contribuição de seu trabalho vinha no sentido de sanar essa lacuna. Logo de partida ele indica a ausência de postulações científicas sobre o universo social e histórico. Segundo ele, dos três aspectos que *a natureza nos apresenta, o físico, o orgânico e o social, somente os dois primeiros foram estudados em suas formas, suas mecânicas e suas leis. O terceiro, o mundo social, tem até hoje resistido a ação indagadora do pensamento científico* (CARDOSO, 1898, p.01).

A questão que orientou a construção de sua proposta era se a história era passível de ser abordada cientificamente. Se era possível descobrir a dinâmica dos fenômenos históricos e utilizá-las a favor da própria história. Indagava ele se ela representava *uma exceção à suprema lei da causação, um fenômeno fora da mecânica geral*. Suas sugestões apontaram que a história não era um fenômeno oposto a natureza, a manifestação de outra força, mas a mesma força que anima o universo inteiro revelada sobre um outro aspecto. Seu objetivo foi demonstrar a assertiva que dimensionava os fenômenos históricos de uma forma científica, estudando as *formas compreendidas neste domínio (o social), definindo as forças que constituem esse vasto sistema, precisando as causas e formulando as leis que determinam e regulam o seu movimento* (CARDOSO, 1898, p. 02).

Para ele a sociologia, entendida como ciência, não era *mais que um reflexo da biologia*. Neste sentido, é uma premissa dessa ciência o fato de que a luta é uma variável que se impõe por toda a parte e sempre: entre os corpos físicos; entre os átomos, as moléculas; entre as ideias, os sentimentos e as palavras que os exprimem, em suma, a tudo e a todas as coisas.

A análise da história por esse prisma não idealista indicava que ela possuía, visivelmente, suas raízes mergulhadas nas mais brutas paixões e desenvolveu-se através das mais diversas e pavorosas formas de lutas.

As nações modernas que caracterizam a fase constitucional europeia saíram dos grupos matriarcais errantes e famélicos característicos da fase humana, que marca o ponto intermediário da natureza e da pré-história, o momento em que começa a diferenciação do homem em espécie à parte e distinta do gênero animal. As últimas formas de natureza juntam-se pelos mais rudimentares laços de família para formarem os primeiros grupos sociais; em que termina a besta e começa o homem (CARDOSO, 1898, p.09).

A civilização teve sua origem na natureza e extrapolava ela. Ela partiu de duas forças que são as raízes dessa *eflorescência moral em busca da legitimidade do dever e da justiça: o terror religioso e militar e a escravidão*. Fora dessas duas formas instintivas (o instinto da vida e de procriação), o homem jaz na mais absoluta nudez física e moral.

A história descritiva dos acontecimentos humanos, não é mais que a narração das sucessivas revoltas da massa escrava contra o terror, religioso e militar, a qual vai assim, através das gerações que se sucedem, conquistando, pela delimitação crescente da coação exterior, a sua liberdade. Em uma palavra: a história é a luta das sociedades (CARDOSO, 1898, p.14-15).

Foi à fome, continuou ele, e não a diferença de origem que inoculou no espírito dos grupos humanos o ódio pelos grupos humanos. O que se julgava ódio de raças surgiu dos instintos da vida individual. Foi um ódio provocado pela fome, uma paixão que se impôs por uma necessidade cruel aos grupos primitivos, bárbaros e famintos, e transformou-se na astúcia diplomática das *nações cultas e fartas*. A fome e o amor – a necessidade tremenda de viver e a paixão brutal pelo gozo – foram as duas grandes forças que impeliram o homem para a civilização, cujo limiar foi o terror religioso e a escravidão (CARDOSO, 1898, p.14).

Esse capítulo de um tipo de perspectiva sociológica autodidata e relacionada às demandas que ela pode atender quando invocada, que estava situada na fronteira entre o social e o biológico, avançou no sentido de situar o fenômeno moral no primeiro plano: o social.

Conforme suas instruções os fenômenos morais eram resultados dos crimes e das lutas que marcaram a trajetória da história no sentido de civilizar-se. Os tons darwinista e colonial de suas sentenças indicavam a ambivalência, os limites e os paradoxos de sua posição. *É matando, aniquilando, destruindo que, na natureza como na história, os portadores do progresso tomam os caminhos aos fracos e seguem adiante* (CARDOSO, 1898, p.24).

A preponderância inexorável do social sobre o individual, como forma de dar sentido a sua projeção teórica sobre a história, esteve presente no conjunto das contradições que emergem da tentativa de conciliar a dimensão naturalística da cultura.

Consoante suas intuições, *a liberdade, esta coisa vulgar que os espíritos consideram a destruição de todas as peias, reduz-se no fundo a uma simples permissão de fazer o que é moral e oportuno, isto é uma peia ainda* (CARDOSO, 1898, p.26).

a sociedade é um sistema de forças, e como todo sistema de forças procura atingir um estado de equilíbrio estável que depende de três fatores: o meio cósmico representado na natureza ambiente; o meio social, representado nas leis, nos tribunais, nas autoridades, nessa rede de coações que comprime a sociedade, nesse conjunto de laços que o homem cria para prender a si mesmo, e sob cuja influência adquire hábitos de ordem e paz; a hereditariedade que acumula estes hábitos, fixa-os, transmite-os à descendência como qualidades de espírito, sob a forma de dever (CARDOSO, 1898, p.68).

A sua intuição sociológica da história e a contribuição dela para pensar o social para além do natural, embora preso aos limites das reflexões intelectuais oriundas das ciências naturais, é assaz importante para traduzir os contornos da recepção da sociologia no Brasil e as dimensões políticas que assume no contexto de entendimento da transição da escravidão para o trabalho “livre”.

Seu diagnóstico, neste sentido, opera de forma estratégica a construção de uma abordagem sociológica sobre a história e a sociedade que indicam que *a segurança do progresso e a fixação do equilíbrio social repousam na continuidade histórica, ou seja, na ligação íntima do passado e do presente*, e, em última instância, na unidade e regularidade da *transmissão hereditária dos hábitos adquiridos como funções espirituais*. Compreende-se perfeitamente que interrompida a ação dessas condições estático-dinâmicas da sociedade, alterasse o progresso e rompe-se o equilíbrio (CARDOSO, 1898, p.69).

A civilização é obra do crime

O crime é a arma com que a natureza escreve a história (CARDOSO, 1898, p.25).

Michel Foucault (2005, p.23) indicou que é somente nessas relações de luta e de poder – na maneira como as coisas entre si, os homens entre se odeiam, lutam, procuram dominar uns aos outros, querem exercer, uns sobre os outros, relações de poder – que compreendemos em que consiste o conhecimento.

A *geração de 70* da ER não era alheia às questões concernentes a realidade nacional brasileira dos novecentos e nem tampouco pode ser interpretada pelo o manifesto afã de formular e criar teorias universais conforme as constatações de Ângela Alonso (2002). A seleção das teorias não ocorreu de maneira aleatória, sendo sua triagem e

seleção determinada a partir de critérios políticos. O sentido do movimento intelectual da geração 1870 foi à intervenção política, que implicava *formas coletivas de contestação a ordem imperial formadas por grupos marginalizados pelas instituições monárquicas*.

Penso que é a partir dos horizontes sugeridos por essas orientações que podemos compreender a recepção da sociologia operada por Fausto Cardoso. O uso dessa ciência se articulava, nesse caso específico, a essa necessidade de construir um discurso capaz de legitimar a dinâmica dos conflitos e disputas por espaços no campo político brasileiro.

Aprisionado aos limites impostos pelo paradigma naturalista marcado por um forte componente de darwinismo social, a abordagem deste autor representa o momento de tensão e separação entre as ciências sociais e naturais e como esses conflitos foram alimentando a legitimidade da sociologia como uma técnica racional de reflexão sobre o universo social.

Uma tradução possível para a compreensão e o entendimento do alcance da sua contribuição em relação a sociologia é análoga às utilizadas para pensar o significado, os ecos e a valia de sua morte para fortalecer a luta das classes sociais na sociedade sergipana. É inexistente. Como diria o próprio Fausto Cardoso, deixamos de perceber a linha de continuidade da *íntima ligação entre o passado e o presente*.

Sua lição foi percebermos que a luta é o motor da história e, quiçá, que apenas um grupo deve ser *eliminado do grande círculo dos operários da história*. São os *resignados por imbecilidade de coração ou de espírito, que não sabem senão baixar a cabeça diante de toda força que passa. São os covardes, os servís, os miseráveis de todos os gêneros* (CARDOSO, 1898, p.28).

Referências Bibliográficas

- ALONSO, Ângela. **Crítica e contestação**: o movimento reformista da geração 1870. Revista Brasileira de Ciências Sociais, nº 44, vol. 15. 2000.
- ALONSO, Ângela. **Ideias em Movimento**: a geração de 1870 na crise do Brasil Império. São Paulo, Paz e Terra. 2002.
- BARBOSA, Ivan. **A Escola de Recife e a sociologia no Brasil**. 2010, 338p. Tese (Doutorado em Sociologia) PPGS, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

- BARBOSA, Ivan. **Tobias Barreto e a Sociologia no Brasil**. Cadernos de Estudos Sociais, v. 27, p. 049, 2012.
- BARBOSA, Ivan. **Pebas e Cabaús: lutas oligárquicas e dominação patrimonial em Sergipe** [1892-1899]. Departamento de Ciências Sociais, Monografia. 90p, 1999.
- GUARANÁ Armindo. **Dicionário Bio-Bliográfico Sergipano**. Rio de Janeiro. 1925.
- CARDOSO, Fausto. **Taxinomia social: ensaios**. Rio de Janeiro, RJ: Imprensa Nacional, Typ. Moraes, 1898.
- CARDOSO, Fausto; LIMA, Jackson da Silva. **Esparsos e inéditos**. Aracaju: SEED, 1980.
- DANTAS, Ibaré. **Os partidos políticos em Sergipe**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.1989.
- FONTES, José Silvério Leite. **O pensamento jurídico sergipano: o ciclo de Recife**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2003.
- FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro, NAU editora, 2005.
- MACHADO, Manuel Cabral. **A tragédia de Fausto Cardoso**. Aracaju: 1957.
- MANNHEIM, Karl. **Ideologia e Utopia**. Rio de Janeiro; Guanabara, 1986.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo; HUCITEC, 1996.
- SOUZA, Terezinha Oliva de. **Impasses do federalismo brasileiro: Sergipe e a revolta de Fausto Cardoso**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 1985.
- SOUZA, Terezinha Oliva de. **Fausto Cardoso: as ideias de um líder**. Aracaju: 1979-1982.
- SOUZA, Terezinha Oliva de. **Coronelismo e oligarquia em Sergipe: a revolta Fausto Cardoso**. Revista de Aracaju, Aracaju, v.43, n.8 , p.93 - 97, dez. 1985.
- SOUZA, Terezinha Oliva. **Fausto Cardoso: de herói de Aracaju a mito esquecido**. 2003. Disponível em: <http://www.infonet.com.br/noticias/cidade//ler.asp?id=19742>
- ROLLEMBERG, Francisco. **Fausto Cardoso**. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 1988.